



EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA: revisitando estudos recentes sobre o tema

ELENICE RODRIGUES DE SOUZA (UEG)¹
CARLA CONTI DE FREITAS (UEG)²

Resumo: A educação antirracista é vista como sendo uma abordagem pedagógica que busca combater o racismo e promover a igualdade racial dentro das instituições de ensino, ela vai além do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena, que é obrigatório nas escolas brasileiras desde a aprovação da Lei 10.639/2003, posto que propõe a questionar e até mesmo, vir a enfrentar as estruturas sociais racistas presentes em diferentes áreas, como na adoção de políticas internas que promovam a equidade racial dentro das próprias instituições educacionais. Diante disso, o objetivo geral dessa pesquisa é realizar um estudo bibliográfico sobre educação antirracista e educação linguística, dando ênfase para os desafios dos professores de língua para uma educação antirracista. Logo este estudo se estruturou por meio da seguinte problemática: Quais os desafios dos professores de língua para uma educação antirracista? Este trabalho diz respeito à pesquisa básica com objetivos descritivos e possui uma abordagem qualitativa com procedimentos bibliográficos e documentais. Após o término constatou-se que os desafios enfrentados pelos professores/as de língua para uma educação antirracista por vezes, estão relacionados à falta de materiais didáticos e de recursos pedagógicos que abordem a temática do racismo de forma adequada. Muitos professores também se sentem despreparados para que se possa falar sobre o assunto em sala de aula, pois não receberam formação específica nessa área.

Palavras-Chave: Educação antirracista. Educação linguística. Professores

INTRODUÇÃO

A educação antirracista consiste em uma abordagem que busca combater o racismo e promover a igualdade racial dentro do sistema educacional. Nessa perspectiva, os educadores/as desconstruem estereótipos, preconceitos e discriminações raciais, com o intuito de trabalhar para que se possa aumentar o conhecimento sobre as contribuições históricas, culturais e sociais das diferentes comunidades raciais no cenário brasileiro (Ferreira, 2017, Gomes, 2021).

¹ Formada em Letras pela Universidade Estadual de Goiás e em Pedagogia pela Unopar. Mestrando do programa de pós-graduação em língua, literatura e interculturalidade (POSLLI-UEG). E-mail: Elenicerodrigues323@gmail.com

² Pós-Doutora na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Mestre em Letras e Linguística pela (UFG), especialista em Psicopedagogia, Avaliação Institucional e Docência Universitária. Graduada em Letras Português Inglês. Atua como docente do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade e no Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Gestão, Educação e Tecnologia, ambos da Universidade Estadual de Goiás. E-mail: carla.freitas@ueg.br



Universidade
Estadual de Goiás



Este estudo traz como tema a os princípios de uma educação antirracista na educação linguística posto que o cenário educacional é visto como sendo um instrumento crucial para que ocorra o enfrentamento dos preconceitos, das discriminações e dos diferentes tipos de racismo os quais caracterizam o convívio da vida em sociedade. Assim, justifica-se que apesar de não ser uma tarefa fácil, é necessário que se reconheçam as possibilidades no que se refere às relações étnico-raciais e como elas podem contribuir para que ocorra o combate ao racismo no espaço acadêmico como um todo.

Desse modo, trazer à tona pressupostos antirracista para o cenário acadêmico consiste em destravar polêmicas e quebrar tabus, uma vez que os debates sobre a questão racial e as suas reflexões, por mais que sejam incipientes, podem implicar em resultados positivos, posto que é necessária a criação de movimentos significativos no que se refere ao ensino de línguas na perspectiva de uma educação antirracista. Diante disso, o objetivo geral dessa pesquisa é realizar um estudo bibliográfico sobre educação antirracista e educação linguística, dando ênfase para os desafios dos professores de língua para uma educação antirracista. Logo este estudo se estruturou por meio da seguinte problemática: Quais os desafios dos professores de língua para uma educação antirracista?

Este trabalho diz respeito à pesquisa básica com objetivos descritivos e possui uma abordagem qualitativa com procedimentos bibliográficos.

2. EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NA EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA

Para Ferraz (2018), o estudo da educação linguística pressupõe a compreensão da língua para além de sua dimensão apenas linguística material. Em sua concepção é necessário considerar também os principais aspectos que estão relacionados com a imagem, pois o que é escrito além das palavras possui a mesma valoração do que é apresentado visualmente. Dessa forma, é possível refletir criticamente sobre diferentes culturas, relações e até mesmo, as condições locais. A crítica não precisa ser algo elaborado ou superior, posto que ela acontece no dia a dia, na sala de aula e é baseada sobretudo na bagagem de experiência.



Universidade
Estadual de Goiás



Deste modo, para Ferraz (2018), a educação linguística consiste no processo pelo qual os indivíduos adquirem as habilidades que são necessárias para que se possa interagir de forma efetiva em diferentes contextos de uso da língua. Em sua concepção, a educação linguística não se limita apenas ao ensino formal de gramática e vocabulário, posto que também busca promover uma compreensão que é mais ampla e reflexiva da linguagem e a sua importância para a comunicação e a construção de identidades dos indivíduos.

Segundo Frank (2018), a educação linguística é de extrema importância, tanto para língua materna quanto para língua estrangeira, posto que em sua concepção as pessoas estão constantemente se expressando por meio de linguagem em seus contextos sociais, o que torna assim o aprendizado e o ensino de línguas atividades que vão além do ambiente educacional formal. Para este autor a educação linguística se estende ao mundo social como um todo, possibilitando que as pessoas se comuniquem e se relacionem de forma respeitosa umas com as outras.

Além disso, Frank (2018), ainda destaca que a educação linguística contribui para que ocorra o desenvolvimento cognitivo dos indivíduos, visto que o aprendizado de novas línguas expande a capacidade de pensamento e ainda facilita a compreensão de diferentes perspectivas culturais. Para este autor, educação linguística também é um fator determinante para que ocorra o fortalecimento da identidade cultural de um indivíduo, posto que a língua é um elemento central na construção da cultura e do pensamento de uma determinada sociedade.

Dessa maneira, se percebe que a educação linguística é imprescindível para o desenvolvimento social, cultural e até mesmo, cognitivo dos indivíduos, contribuindo assim, para a formação de cidadãos críticos que sejam capazes de se comunicar de maneira eficaz e respeitosa dentro de uma sociedade que está cada vez mais sendo globalizada.

Deste modo, trazer em destaque essa reflexão do ensino de educação linguística de forma crítica, acrescenta-se que conforme Neto (2024), o conceito de Educação Linguística Antirracista surge a partir da interseção de diversos estudos no campo da linguagem. Sua origem decorre da necessidade de trazer a questão racial

para o centro das discussões sobre linguagem, assim como Gabriel Nascimento (2020) fez em seu livro *“Racismo Linguístico”*, ao denunciar as práticas de violência direcionadas aos corpos negros, seguindo as indicações e influências de Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez, Frantz Fanon, Aimé Cesaire, Achille Mbembe, Abdias do Nascimento e outros estudiosos. A Educação Linguística Antirracista busca explorar alternativas de uso da língua que promovam justiça social, cura e senso de pertencimento.

Neto (2024, p.24) pontua ainda que:

Há diferenças entre educação linguística e educação linguística antirracista. Entendo a educação linguística como toda e qualquer ação que envolva um pensamento sobre a língua e seu uso. Não temos educação linguística apenas nas aulas de línguas, nos espaços legitimados de saber/aprender, como a escola e a universidade. A educação linguística ocorre em casa, quando entendemos que não falamos com nossos pais da mesma forma que falamos com nossos primos; na rua, brincando com amigos; nos paredões, ao som do funk e outros ritmos desprestigiados pela sociedade; nos terreiros de candomblé, quando aprendemos que as ações e os elementos, por exemplo, no espaço sagrado têm um nome diferente do “mundo cá fora”.

Diante disso, acrescenta-se que em espaços de aprendizagem, durante interações e negociações

entender que há pessoas que falam flamengo e outras que falam framengo e que a variante /fr/ é mais comum em pessoas negras e pobres e que isso tem a ver com o processo de formação do povo brasileiro e de escolarização de uma parcela da sociedade também faz parte de uma educação linguística. No entanto, racializar esse debate a ponto de entender que esse fenômeno tem a ver com marcas históricas como a transmissão linguística irregular e a negação da escolarização de africanos e afrodescendentes, e que o juízo de valor atribuído a um ‘falar errado’ tem a ver com a história do povo negro e a supremacia da branquitude é o reconhecimento do racismo linguístico e uma prática da educação linguística antirracista.

Diante da concepção de González (1983), é necessário contestar a visão simplista de que basta criar listas de palavras racistas para evitar seu uso. A abordagem linguística antirracista não se restringe a isso e nem mesmo sugere que seja o ponto de partida, embora seja uma ação importante. O principal paradoxo de uma postura antirracista baseada em uma perspectiva excludente e racista é evitar o



uso de uma palavra para não parecer racista, enquanto práticas racistas baseadas na escravidão permanecem presentes no cotidiano.

A abordagem linguística antirracista vai além de simplesmente proibir o uso de palavras racistas. Ela é uma parte importante, mas não o ponto de partida nem a solução final para a luta contra o racismo. É fundamental questionar e dismantelar as estruturas sociais que perpetuam a discriminação racial, enquanto se conscientiza sobre a importância de uma linguagem não discriminatória.

Outrora, a Educação Linguística Antirracista, para Souza Neto (2021, p. 182), é vista como sendo

um modo de vida, uma abordagem sócio político-pedagógica interdisciplinar, uma força de múltiplas ações combativas que busca agir contra todas as formas de racismo manifestado na língua(gem) através de práticas de entrincheiramento do racismo como força organizacional e estrutural da sociedade, de evidenciação e enfrentamento da branquitude bem como de proposições de intervenção didática e política no que tange o uso da língua(gem).

A partir disso, é crucial repensar na concepção de língua, de educação, de educação linguística, bem como das metodologias, das abordagens e até mesmo, das técnicas utilizadas e o fazer docente voltados para uma educação antirracista. Outrossim, a Educação Linguística Antirracista é vista como sendo uma proposta acesa de vida e até mesmo, de fazer viver sempre armado para identificar e de vir a lutar contra as amarras sociais que são causadas pelo racismo manifestado também por meio da língua(gem).

A educação antirracista na educação linguística visa combater o racismo estrutural presente nas práticas linguísticas e ainda promover a valorização e inclusão de todas as culturas e línguas. Deste modo, uma abordagem antirracista na educação linguística implica na desconstrução de estereótipos e de preconceitos linguísticos, que muitas vezes são associados a determinados grupos étnicos. Isso envolve o reconhecimento de que existe uma diversidade linguística e cultural dentro de uma sociedade, e que para tanto, todas as formas de expressão e de comunicação necessitam de ser valorizadas (Pereira, 2017).



2.1 OS DESAFIOS DOS PROFESSORES DE LÍNGUA PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

As práticas educativas e acadêmicas são permeadas por estruturas coloniais e racistas, as quais perpetuam desigualdades, exclusão e opressão. Nesse sentido, Gomes (2021), acredita que temas como branquitude, e negritude, a colonialidade do saber e a eurocentricidade da educação, são elementos refletidos nas práticas pedagógicas e nas pesquisas acadêmicas.

Para Gomes (2021), os desafios dos professores de língua para uma educação antirracista são muitos. Para que a língua seja trabalhada de forma a desconstruir estereótipos e preconceitos raciais, é necessário que o professor/a esteja consciente de sua própria formação e seja capaz de se desfazer de as concepções eurocêtricas e preconceituosas.

Para Ivenicki (2020), um primeiro desafio seria justamente repensar o currículo e os materiais didáticos que são utilizados em sala de aula. Outrossim, é importante incluir autores negros e indígenas na lista de leituras, promovendo desta forma assim a diversidade literária e a ampliação do repertório dos alunos/as. Além disso, é fundamental problematizar os textos clássicos, os quais são muitas vezes carregados de estereótipos e de preconceitos.

Outro desafio é o de promover o diálogo sobre questões raciais em sala de aula. É necessário criar um ambiente em que os alunos se sintam confortáveis para discutir temas como racismo, discriminação e privilégios. O professor/a precisa estar preparado para lidar com situações de conflito e para vir a desconstruir opiniões preconceituosas, estimulando o respeito e até mesmo, a tolerância. Assim,

Pensar no currículo no âmbito do ensino superior e, mais especificamente, na formação de professores, implica em reconhecer seu impacto na formação das identidades docentes, enfatizando-se seu potencial para promover a valorização da diversidade cultural e desafiar o racismo, as desigualdades, os preconceitos e silenciamentos de vozes de grupos subalternizados, em função de raça, etnia, gênero e outros marcadores identitários. Nesta perspectiva, buscam-se possibilidades de diálogo e fertilização em um horizonte de currículo concebido multiculturalmente como espaço de diferenciação e de valorização da alteridade (Ivenicki, 2020, p.3).



Como se nota na concepção Ivenicki (2020), currículo possui o potencial de promover a valorização da diversidade cultural e combater o racismo, bem como as desigualdades e os preconceitos. Isso implica sobretudo, em reconhecer e dar voz aos grupos que são subalternizados, levando em consideração a sua raça, etnia, gênero e outros marcadores identitários. A abordagem multicultural do currículo é crucial para que se possa criar um espaço de diálogo e fertilização, onde diferentes perspectivas e experiências são valorizadas. Isso contribui para que ocorra a formação de profissionais sensíveis e comprometidos com a equidade e com a justiça social.

Além disso, é importante que os professores busquem uma formação continuada sobre educação antirracista. É necessário que eles estejam atualizados sobre as teorias e metodologias que podem contribuir para a construção de uma prática pedagógica inclusiva e igualitária. Isso pode envolver a participação em cursos, seminários e grupos de estudos (Ivenicki, 2020).

Deste modo, é relevante investigar e desenvolver estratégias curriculares que promovam a valorização da diversidade cultural e até mesmo, interculturalidade, visando superar deste modo, a visão eurocêntrica predominante nos currículos educacionais. Isso implica sobretudo, em repensar os modelos de formação docente, promovendo desta forma uma preparação que vá além das competências técnicas, abarcando também as habilidades socioemocionais e até mesmo, a sensibilização para as questões de justiça social e da igualdade.

Neste sentido, por falar sobre os desafios dos professores de língua para uma educação antirracista, convém pontuar que em seu artigo denominado como: *“Educação linguística como espaço de luta, acolhimento e respeito: algumas de nossas praxiologias decoloniais no cerrado goiano”* Barbra Sabota e Hélio Frank (2024), discutem justamente a dificuldade que os professores/as de língua enfrentam ao tentarem promover uma educação antirracista. Os autores argumentam que a educação linguística pode ser um espaço de luta, bem como acolhimento e respeito, e defendem diretamente a adoção de práticas pedagógicas decoloniais como meio para que se possa enfrentar o racismo estrutural presente na sociedade brasileira, posto isto ressaltam que a:



Grosso modo, isso implica dizer que a decolonialidade é um projeto contínuo do qual não se vislumbra o fim. Estamos imersas na colonialidade e isso nos faz parte dela. Por isso, a relevância de empenharmos esforços em rompê-la, sem perder de vista quem somos, onde estamos e ao lado de quem nos colocamos em marcha. É preciso localizar e ampliar as fissuras, procurando novos modos de enxergar o contexto, a partir de uma nova ontoepisteme (Sabota; Frank, 2024, p.9).

Em outras palavras, na concepção destes estudiosos a decolonialidade é vista como sendo um processo em andamento o qual, visa justamente vir a busca romper com as estruturas coloniais que ainda se fazem presentes em nossa sociedade. Não se trata de alcançar um fim definitivo, mas sim de estar constantemente em busca de novas formas de enxergar e compreender o mundo em que vivemos, levando sobretudo, em consideração a identidade, localização geográfica e até mesmo aliados na luta contra a colonialidade. Para isso, entendese que de acordo com Sabota e Frank (2024) é importante identificar e fortalecer as brechas que existem no sistema colonial, visando construir uma nova maneira de compreender a realidade, baseada em uma nova cosmovisão.

Assim, para que se possa superar esses desafios, os autores propõem que se realize a adoção de práticas decoloniais, as quais envolvem um a reflexão crítica sobre as estruturas de poder as quais, perpetuam o racismo e até mesmo, a opressão. Isso inclui o reconhecimento das vozes que são marginalizadas, bem como a valorização das experiências dos estudantes/as que são negros/as.

Além disto, Sabota e Frank (2024) comentam que os desafios enfrentados pelos professores/as de língua para uma educação antirracista por vezes, estão relacionados à falta de materiais didáticos e de recursos pedagógicos que abordem a temática do racismo de forma adequada. Muitos professores também se sentem despreparados para que se possa falar sobre o assunto em sala de aula, pois não receberam formação específica nessa área.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa pode se constatar que a educação antirracista na educação linguística busca promover a valorização e inclusão da diversidade linguística e cultural, combater os estereótipos e preconceitos linguísticos, a valorizar



Universidade
Estadual de Goiás



as contribuições de diferentes grupos étnicos e ainda visa promover a reflexão crítica sobre as relações de poder na linguagem, uma vez que em pleno século XXI, o negro/a ainda são invisibilizados no cenário educacional.

Assim, para que se possa promover a educação antirracista na educação linguística, é crucial que os professores sejam capacitados e sensibilizados para abordarem essas questões de forma adequada. Além disso, é fundamental que as políticas educacionais incluam também as diretrizes claras e recursos para que ocorra a implementação de práticas antirracistas na educação linguística.

REFERÊNCIAS

CANDAU, Vera Maria Ferrão. “Ideias-Força” do Pensamento de Boaventura Souza Santos e a Educação Intercultural. In: Candau, Vera Maria Ferrão (org.), **Interculturalizar, Descolonizar, Democratizar: uma educação “outra”?** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016, p. 76 –96.

FERRAZ, Daniel de Melo. **Os sentidos de “crítico” na educação linguística: problematizando práticas pedagógicas locais.** Educação linguística em línguas estrangeiras. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Educação antirracista e práticas em sala de aula:**

FRANK, Helvio. Língua/linguagem e vida em ressignificação pela educação crítica. In: PESSOA, R. R.; SILVESTRE, V. P. V.; MONTE MÓR, W.

Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil: trajetórias e práticas de professoras/es universitárias/os de inglês. São Paulo: Pá de Palavra, 2018.

FRANK, Hélivio. A complexidade da linguagem e de seus usos: incitações a uma educação linguística crítica. **Humanidades & Inovação**, Palmas, v. 8, n. 43, 2021.

GOMES, Nilma Lino. O combate ao racismo e a descolonização das práticas educativas e acadêmicas. *Revista de Filosofia Aurora*, Curitiba, v. 33, n. 59, p. 435-454, mai./ago. 2021.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, L. A. et al. Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. **Ciências Sociais Hoje**, Brasília, Anpocs, n. 2, p. 223- 244, 1983.

IVENICKI, Ana. Perspectivas multiculturais para o currículo de formação docente antirracista. **Revista da ABPN** • v.12, nº 32, março–maio de 2020, p. 30-45



NETO, Maurício J. S. Por que pensar hoje em uma educação linguística antirracista? limites, tensões e possibilidades. **Revista Paraguçu** – Estudos Linguísticos e Literários, v. 1, n. 1, 2021, p. 168-191.

PEREIRA, Lucidalva Rangel. **Letramentos a partir do Rap: voz e vez na aula de língua portuguesa**. 2021. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2021.

SABOTA, Barbra; FRANK, Hélvio. Educação linguística como espaço de luta, acolhimento e respeito: algumas de nossas praxiologias decoloniais no cerrado goiano. **Revista Educação Em Questão**, v. 62, n. 72, 2024, p. 1-24.